

São Paulo 2016

© – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História de Arte / Universidade de São Paulo

Rua da Praça do Relógio, 160 – Anexo – sala 01
05508-050 – Cidade Universitária – São Paulo/SP – Brasil

Tel.: (11) 3091.3327

e-mail: pgeha@usp.br - www.usp.br/pgeha

Depósito Legal – Biblioteca Nacional

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Lourival Gomes Machado do
Museu de Arte Contemporânea da USP

Congresso Internacional de Estética e História da Arte (10., 2016, São Paulo).

Escrita da história e (re)construção das memórias : arte e arquivos em debate / organização Cristina Freire. São Paulo : Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2016.

374 p. ; il.

ISBN 978-85-7229-074-6

1. Estética (Arte). 2. História da Arte. 3. Arquivos de Arte. I. Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Estética e História de Arte. II. Freire, Cristina.

CDD – 701.17

Fotografia capa: Fernando Piola

*Tradução dos textos de Ticio Escobar, Sebastián Vidal Valenzuela, Fernando Davis,
Daniella Carvalho e Claudia Rojas:* Maria Cristina Caponero

Revisão de textos: André Henriques Fernandes Oliveira

Produção editorial: Águida Furtado Vieira Mantegna, Paulo Cesar Lisboa Marquezini e Sara Vieira Valbon

Organização: Cristina Freire

Publicação do X Congresso Internacional de Estética e História da Arte - Escrita da história e (re)construção das memórias : arte e arquivos em debate, realizado nos dias 24 a 27 de outubro de 2016 no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, organizado pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História de Arte / Universidade de São Paulo.

- 11 **À guisa de**
O museu-c
Cristina Fr
- ARTE INI**
- 19 **Arte indíg**
Ticio Esco
- MODOS I**
- 41 **Corpo ref**
João A. Fr
- 53 **“É a minl**
Lygia Cla
Maria de F
- 61 **Quando c**
Vera Palla
- ARQUIVO**
- 69 **Tous les j**
experime
Sebastián

PROJETO HUMANISTA DOS JESUÍTAS E O INÍCIO DA CIDADE DE SÃO PAULO

ALFREDO CÉSAR DA VEIGA¹
DAISY VALLE MACHADO PECCININI²

INTRODUÇÃO

A história de São Paulo bem que poderia ser resumida em dois capítulos: A primeira, do século XVI ao XVIII, que se constrói com o barro, água e madeira; e a segunda, a partir do século XIX que, em nome do progresso e dos novos tempos, derruba as velhas construções, de taipa, substituindo-as por outras, de tijolos.

Esses dois momentos são capítulos que têm como material comum, o barro, que está tanto na origem de ideias de civilização e progresso e seu aproveitamento, quanto no seu descarte enquanto matéria imprópria para os planos de modernização da cidade.

Desde o início da colonização, buscou-se tecer as relações entre o fazer característico dos atores implicados na construção de uma cidade e o mundo interno desses artífices povoado por concepções que mesclam o imaginário da cidade ideal e a concretude da cidade real, ambas conjugadas para transformar São Paulo em centro nevrálgico da ação civilizadora em direção ao interior.

São essas ações conjugadas, que fizeram com que Piratininga nascesse mundializada e crescesse "mameluca, violenta, desigual, plural, rica de sentidos, plena de possibilidades, suscitando o desenvolvimento das mais diversas estratégias de sobrevivência" (ZANETTINI, 2005, p. 31).

1. Alfredo César da Veiga. Pós-doutorando pelo Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC USP).
2. Daisy Valle Machado Peccinini. Professora livre-docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da USP (PGEHA USP).

A CIDADE DE BARRO

Essa Igreja Militante é fácil de conhecer. Compara-se a uma cidade situada na montanha, e que pode ser vista de todos os lados. É preciso que seja reconhecível, porque todos lhe devem obedecer (Catecismo Romano, n. 141, 1566)

O trecho acima foi tirado do catecismo que constituiu objeto obrigatório para todos os padres em suas andanças missionárias a partir da segunda metade do século XVI. Apesar de ser um texto distante ainda da espiritualidade dos jesuítas à época da fundação da cidade de Piratininga, não é, todavia, estranho a esses religiosos, que tinham por base de seus estudos a doutrina de Santo Agostinho sobre as duas cidades, a terrena e a celeste. É de se esperar, portanto, que, ao avistarem o planalto, comessem em construir ali a *Civitate Dei*, um lugar que “afermosenta a cidade da terra, celestial de almas que louvam a seu Senhor, e a terra dos desterrados filhos da terra”, conforme escrevia Nóbrega aos moradores de São Vicente, em 1557 (1988, p. 107).

Os jesuítas tinham uma cidade a construir quando chegaram ao Planalto de Piratininga e, para essa empreitada, haviam de subordinar a natureza e incorporá-la à *cidade de Deus*, de maneira que todos os objetos e pessoas naturais fossem marcados pelo sagrado.

Nesse sentido, a argila, encontrada em abundância, era uma solução provisoriamente não a mais nobre, mas era aquela que estava à mão. E era dessa maneira que os jesuítas resolviam os problemas, isto é, não dando a eles senão a atenção provisória no momento em que se apresentavam. E foi assim que surgiu a solução em tijolo cozido.

Na pedagogia jesuíta o trabalho com o barro é, por si só, uma técnica persuasiva (ARGAN, 2005, p. 173) e remete à doutrina cristã da criação do homem a partir do barro. Uma técnica persuasiva, no entanto, não fica restrita apenas à doutrina, mas se reveste de um valor social extremamente importante de forma que os objetos saídos do barro doravante sejam carregados de sentimento humano, e é desse sentimento que nasce a arte.

Nesse sentido, a arte de São Paulo nasce com a feitura da cidade: segundo Contardi no prefácio à obra de Argan, *História da arte como história do espaço* (2005, p. 1), “da distinção de um espaço, de uma forma urbana decorre, portanto, a arte”. Disso se pode inferir que o barro está para São Paulo como o barro está para Minas Gerais, pois são os produtos artísticos que qualificam a cidade (Contardi, 2005, in ARGAN, 2005, p. 1).

Os padres e irmãos jesuítas, quando aqui chegaram, estavam imbuídos com o ideal de igreja que lembra aquela que foi a primeira construção jesuíta, a igreja do Gesù, em Roma. Projetada com uma nave única, era o protótipo de igreja idealizador jesuíta, que primava pelo contato direto com o povo.

No projeto civil do modelo utópico de influxo das ideias do modelo europeu (SAI)

[...] no r
duzidos
muns; ni
rindios r
ria ser u
apud WE

É dentro desse ambiente e o u
maior representante
sustentada, simples, ma
este nível; seus elem
(2005, p. 117).

Os jesuítas acal
o colégio em um sítio
podiam imaginar
que todos estariam p
tivesse uma inteligê
Desse sonho, no
uma que o tempo de
então, aquele entra
dos acontecimen
sua topografia.

São Paulo, no se
suas últimas lemb
tijolos, nada air
Maceió e a
1970, p. 58-59.

Essa parece ser a
o esquecer
FELINTO, 20
e crescendo sol

No projeto civilizador jesuíta de construção de cidade, a razão não podia prescindir do modelo utópico e idealista que influenciou as ordens religiosas nascidas sob o influxo das ideias de Thomas More e que saltavam a cada canto do pensamento erudito europeu (SAIA, 2012, p. 28), de forma que,

[...] no mundo que idealizavam, os diversos povos seriam “reduzidos” em comunidades organizadas segundo princípios comuns; não desejavam aceitar nem fazer guerra contra os ameríndios mas remodelá-los conforme uma imagem nova. Deveria ser um ponto avançado de um império cristão (MORSE, *apud* WERNET, 2004, p. 193)

É dentro desse contexto que se pode compreender a razão de certa harmonia com o ambiente e o uso da taipa, produto do barro retirado de dentro do próprio solo e maior representante dessa harmonia. A cidade que se levantou desse material foi acanhada, simples, mas completamente acomodada à topografia, à paisagem e à curva de nível; seus elementos, feitos em função dos comprimentos das taipas (LE MOS, 2003, p. 117).

SÃO PAULO E SUA MEMÓRIA

Os jesuítas acalentaram um sonho para a cidade de São Paulo e, ao projetar seu colégio em um sítio elevado e cercado pelos rios Tamanduateí e Anhangabaú, não podiam imaginar o espaço que não tivesse o aspecto de uma “aldeia grande”, onde todos estariam protegidos pelos muros da religião e tudo funcionaria como se houvesse uma inteligência suprema no comando das ações.

Desse sonho, no entanto, nada restou senão a lembrança de técnicas tão precárias que o tempo demoliu e arrasou. Restou, segundo Luís Saia (2012, p. 29), contudo, aquele entranhado espírito ambulatório paulista de ir se distribuindo ao sabor dos acontecimentos e procurando soluções para problemas que eram impostos pela topografia.

São Paulo, no século XIX, concluía sua experiência colonial, colocava por terra suas últimas lembranças de taipa e por cima delas, construía sua nova civilização em tijolos, nada ainda que se igualasse a cidades como o Rio de Janeiro, Recife, Salvador e Maceió e até mesmo Santos com o granito que embelezava suas casas (MORSE, 1970, p. 58-59) e, talvez, por esse fato, São Paulo colonial tinha sido, em si mesma, uma obra de arte.

Essa parece ser a vocação de São Paulo, ou seja, a de uma estética que potencializa o esquecimento, um esquecimento com um “papel programático, estético e ativo” (FELINTO, 2000, p. 22), impondo-se de forma violenta, demolindo o seu passado e crescendo sobre seus refugos.

A memória de São Paulo não se faz recorrendo às suas construções em taipa que já não mais existem. Recorda-se um passado que não se viveu, recorda-se lembranças idealizadas e sem manchas, como o passado escravocrata e produtivo. O que se exalta é o progresso simbolizado pelas avenidas que rasgavam a cidade: os viadutos que a conectavam ao seu futuro. Ao mesmo tempo, a cidade é exaltada em sua beleza, beldade sem dote³, como se lê no poema à cidade, *Pauliceia, de Francisco de Assis Vieira Bueno*, que viveu entre 1816 a 1908 e acompanhou a transformação da cidade:

Teu imenso progresso, na verdade,
A mente, Pauliceia, me fascina;
Mas de ti quando pobre e pequenina,
Jamais há de ter fim minha saudade

Quando era inda a beldade,
Sem dote, que, isolada na colina,
Branquejava no meio da campina,
Passei em teu regaço a mocidade.

Hoje, de cada vez que te visito,
Ainda o meu passeio favorito
É o sítio onde fica o lugar

Em que estava a casa apetecida,
Que no tempo melhor de minha vida
Foi minha habitação, meu doce lar.
(BUENO, 1998, p. 151)

A destruição do patrimônio está diretamente ligada à destruição da memória que a obra de arte tem para determinado povo. Por que, em nossa história, há dificuldade em tolerar a presença de construções históricas? Na Avenida Paulista, número 1919, sobrevive, caindo aos pedaços, o Palacete Franco de Mello, construído no ano de 1905, na primeira fase residencial da Av. Paulista. Fechado por décadas, está abandonado.

Em 1996, começou o processo de demolição do casarão Matarazzo, construído na Av. Paulista. No lugar, uma grande construtora fez um shopping com acabamento em mármore. Era taipa, depois tijolo, concreto armado, depois vidro. Uma cidade em “permanente mutação formal” (LEMOS, 2013, p. 97).

3. “Formosa sem dote” foi o apelido dado pelo Governador Gomes Freire de Azevedo à cidade pela primeira vez em princípios do século XVIII (BUENO, 1998, p. 151).

REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio C. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BUENO, Francisco de Assis Viera. A cidade de São Paulo: Recordações evocadas de memória. In: MOURA, Carlos E. M. (org.). **Vida cotidiana em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.
- CATECISMO ROMANO. Barcelona: Editorial Litúrgica Española, 1926.
- FELINTO, E. **Obliscência**: Por uma teoria Pós-Moderna da memória e do esquecimento. *Contra-tempo*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 5, 2000.
- LEMOS, Carlos A. C. **Da taipa ao concreto**: Crônicas e ensaios sobre a memória da arquitetura e do urbanismo. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- MORSE, Richard M. **Formação histórica de São Paulo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- NÓBREGA, Manoel. **Cartas do Brasil (1549-1560)**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988 (Cartas Jesuítas 1).
- SAIA, Luís. **Morada paulista**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- WERNET, Augustin. Vida religiosa em São Paulo: Do Colégio dos jesuítas à diversificação de cultos e crenças (1554-1954). In: PORTA, Paula (Org.). **História da Cidade de São Paulo**: A cidade colonial. São Paulo: Paz e Terra, 2004. V. 1.
- ZANETTINI, Paulo Eduardo. Maloqueiros e seus palácios de barro: O cotidiano doméstico na casa bandeirista. 2005. 413 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.